

---

# WOLLSTONECRAFT E VIRGINIA WOOLF: A EDUCAÇÃO DAS MULHERES E AS DICOTOMIAS DE VALORES

Maria Clara Fanaya

## **Resumo:**

Apesar de estarem separadas por mais de cem anos de história, é possível identificar uma linha de raciocínio convergente entre Mary Wollstonecraft e Virginia Woolf. Além de ambas terem vivido momentos históricos de grandes conturbações e mudanças no mundo, ambas pensaram sobre as condições sob as quais a educação das mulheres estava submetida, além das causas e consequências relacionadas a essas condições. Fica claro, nos textos *A Reivindicação dos Direitos da Mulher* de Wollstonecraft e *Three Guineas* de Woolf, que a educação das mulheres sempre esteve de alguma maneira atrelada à dicotomia entre as esferas da vida pública e privada, à dominação, aos valores e às virtudes defendidas e asseguradas por uma sociedade patriarcal. Além disso, as autoras conseguiram enxergar o modo como a hierarquia entre os gêneros é resultado de construções específicas dos papéis da masculinidade e da feminilidade, bem como a forma que a dominação masculina, que ocorre na esfera privada, influencia na educação das mulheres e serve como espelho para a dominação na esfera pública.

**Palavras-chave:** Educação das Mulheres, virtudes, tirania, guerras

## **Abstract:**

*Although more than a century apart, one can identify some similar ideas between Mary Wollstonecraft and Virginia Woolf. In addition to having lived during historical periods of great turmoil and change in the world, both authors wrote about the conditions under which the education of women was subjected, as well as the causes and consequences related to those conditions. It is clear in Woolf's *Three Guineas* and Wollstonecraft's *A Vindication of the Rights of Woman* that the education of women has always been somehow tied to the dichotomy between public and private life; as well as to the domination, the values and the virtues advocated and secured by a patriarchal society. Moreover, the authors have been able to see how the hierarchy between genders is the result of specific constructions of the roles of masculinity and femininity; and how male domination - which occurs in the private sphere - influences negatively not only how women are educated, but also how the dominative and tyrant behaviors in the private life could be seen as a mirror for domination in the public sphere.*

**Keywords:** Education of women, virtues, tyranny, wars.

## Introdução

Apesar de estarem separadas por mais de cem anos de história, é possível identificar uma linha de raciocínio convergente entre Mary Wollstonecraft e Virginia Woolf. Ambas as autoras pensaram sobre as condições sob as quais a educação das mulheres estava submetida em suas respectivas épocas, além das causas e consequências relacionadas a essas condições. Fica claro, nos textos de ambas aqui analisados, que a educação das mulheres sempre esteve atrelada à dicotomia entre as esferas da vida pública e privada, à dominação e aos valores e virtudes defendidos por sociedades patriarcais. As autoras conseguiram enxergar o modo como a hierarquia entre os gêneros é resultado de construções e papéis distintos ensinados para ambos os sexos, assim como o fato de a dominação masculina na esfera doméstica ser comparável às dominações e conflitos que ocorrem no âmbito público e que, em escala mundial, provocam as guerras (ANDREW, 1994, p. 85).

A relação que pretendo estabelecer entre o pensamento das duas autoras poderia ser meramente pelo fato de Virginia Woolf ter sido uma leitora e admiradora de Mary Wollstonecraft. Essa admiração é explicitada, por exemplo, no ensaio *Four Figures*, publicado no livro *Common Reader II*, no qual Woolf dedica uma seção a leitura e a exaltação da personalidade de Wollstonecraft, em suas palavras: “*ela está viva e ativa, ela argumenta e experimenta, nós ouvimos a sua voz e traçamos sua influência mesmo agora entre os que vivem*”<sup>1</sup>(WOOLF, 1932, arquivo *kindle* localização 33768). Nesse ensaio, no entanto, Woolf exalta apenas aspectos da vida e da personalidade da filósofa inglesa, deixando de abordar seu pensamento e teorias filosóficas - algo que não se furtou a fazer, mesmo que de maneira menos declarada, em seus textos de caráter político. Nesse sentido, buscarei aqui delinear a influência de Wollstonecraft na obra *Three Guineas* de Woolf, que apesar de não ser direta, acredito ser possível por conta de semelhança no desenvolvimento da argumentação das autoras.

<sup>1</sup> Tradução da autora para os fins deste artigo. No original: “she is alive and active, she argues and experiments, we hear her voice and trace her influence even now among the living”.

Apesar das possíveis correspondências entre os pensamentos das duas autoras, não devemos perder de vista que o pensamento de cada uma também condiz com o seu período histórico. Woolf, tanto em *Three Guineas*, como em *Um teto todo seu*, conseguiu avançar na avaliação e nas conclusões de certos aspectos sobre os quais Wollstonecraft ainda se mostrava mais conservadora – talvez, justamente, por ter pensado e escrito mais de cento e cinquenta anos mais cedo.

Em resumo, neste artigo pretendo traçar os possíveis paralelos entre as obras *Reivindicação dos Direitos da Mulher* e *Three Guineas*, especialmente no que diz respeito à educação das mulheres e como isso influencia as construções políticas das autoras acerca da liberdade, dos direitos e das oportunidades das mulheres. Além disso, abordarei a maneira como as autoras enxergaram que as consequências dos modelos de sociedade baseados na dominação vão além da subordinação das mulheres no âmbito privado, como também à perpetuação de virtudes ambíguas e de comportamentos incoerentes de uma masculinidade construída.

### **Sobre a educação das mulheres**

A educação das mulheres é uma questão que vem sendo discutida há tempos, embora com enfoques e propósitos diversos e muitas vezes conflitantes. A educação que as mulheres receberam ao longo da história pode ser pensada como uma causa, um resultado ou mesmo um sintoma da opressão sofrida por elas através dos séculos. Ainda é difícil dimensionar as consequências, os danos e as perdas que ocorreram em função dos séculos de educação negligenciada.

Há inúmeros textos filosóficos, desde a antiguidade, que trataram sobre o tema da educação, principalmente pelo fato de ela ser um fator fundamental para o desenvolvimento e perpetuação de aspectos morais e éticos nas estruturas sociais. Assim, não é difícil perceber que não é recente na filosofia a noção de que a formação do indivíduo é essencial para a sociedade como um todo. É curioso notar, no entanto, algo que o olhar contemporâneo costuma ignorar a respeito dos inúmeros argumentos que defendem a importância da educação no decorrer da história: eles raramente são

verdadeiramente universalistas, pois, implícita ou explicitamente, eles não incluíam as mulheres como indivíduos para os quais a educação fosse relevante.<sup>2</sup> De acordo com Okin na (2013, p.3-12), na introdução de *Women in Western Political Thought*, o pensamento político ocidental foi construído baseado em textos escritos por homens e para homens, nos quais apesar de constarem termos geralmente compreendidos como genéricos, tais como “homem” e “humanidade”, hoje há interpretações sobre como esses termos ambíguos eram utilizados como um artifício para a manutenção da exclusão das mulheres.

Mary Wollstonecraft, filósofa do século XVIII, foi capaz de notar uma relação entre a negação da educação formal às mulheres e a negação da sua racionalidade, e, por conseguinte, da sua humanidade. Isso porque, especialmente de acordo com os ideais iluministas em desenvolvimento na sua época – os quais contavam com discussões sobre igualdade, razão, progresso, tolerância, dominação, etc. - os conceitos de racionalidade e humanidade se mostravam cada vez mais interligados. O que asseguraria a humanidade em detrimento da animalidade no ser humano seria a sua racionalidade. Na mesma linha estavam os conceitos de libertação política e perfectibilidade das civilizações, que também eram baseados e dependentes da racionalidade humana.

Como bem ressaltam Sarah Knott e Barbara Taylor (2005, p. xvi), o iluminismo foi por muito tempo considerado a era da razão, da tolerância e da emancipação, embora hoje todas essas características sejam questionadas e a base da construção de vários desses argumentos considerada como repressora e totalitária. Não são necessários anacronismos para considerações desse gênero, durante aquele período já havia mulheres teóricas discutindo sobre os argumentos tendenciosos sobre a racionalidade

<sup>2</sup> Para um maior aprofundamento acerca deste assunto, sugiro a leitura dos seguintes textos: LETTOW, Susanne. *Feminism and the Enlightenment* from: The Routledge Companion to Feminist Philosophy. London: Routledge, 2017; LANGE, Lynda. *Introduction to “Feminist Interpretations of Jean-Jacques Rousseau”*. Pennsylvania State University Press, 2002; WEISS, Penny A. *Wollstonecraft and Rousseau: The Gendered Fate of Political Theorists*. in Feminist interpretations of Mary Wollstonecraft (ed.) Maria J. Falco. Pennsylvania State University Press, 1996; SATZ, Debra, *Introduction to the 2013 Edition* (in) OKIN, Susan M. *WOMEN IN WESTERN POLITICAL THOUGHT: with a new introduction by Debra Satz*. Princeton, New Jersey: Princeton University Press, 2013.

humana e a forma como eles não incluíam as mulheres<sup>3</sup>. Martina Reuter (2014, p.916) ressalta que Wollstonecraft em muitos aspectos era mais coerente com os ideais iluministas do que Jean-Jacques Rousseau, por exemplo, que influenciou fortemente o pensamento político daquele período.

No trecho a seguir, Wollstonecraft deixa clara a sua influência iluminista ao resgatar na primeira parte alguns ideais acerca da razão, ao mesmo tempo em que, em seguida aponta à incongruência dos argumentos que negavam da racionalidade da mulher:

A razão é, conseqüentemente, o simples poder do aperfeiçoamento ou, para falar com mais propriedade, o poder de discernir a verdade. Nesse sentido, cada indivíduo constitui um mundo em si mesmo. Evidencia-se mais em uns do que em outros, mas a natureza da razão deve ser a mesma em todos, se o vínculo que une a criatura e o Criador é uma emanção da Divindade. Pode uma alma que não se aprimora pelo exercício de sua própria razão levar a marca da imagem celestial? Enfeitada exteriormente com apurado capricho para agradar ao homem “a quem ela tem a honra de amar”, à alma feminina não se concede essa distinção; com o homem sempre colocado entre ela e a razão, é sempre representada como se tivesse sido criada apenas para enxergar de modo nebuloso e aceitar as coisas em confiança. Mas, se dispensarmos essas teorias ilusórias e considerarmos a mulher como um todo, de maneira como deve ser, e não como parte do homem, a pergunta seria se ela possui razão ou não. Em caso afirmativo, o que por ora admitirei, ela não foi meramente criada para ser o consolo do homem, e o caráter sexual não deveria destruir o caráter humano (WOLLSTONECRAFT, 2016, p. 78).

A negação da racionalidade da mulher e, por consequência, a negação do seu acesso a uma educação equivalente àquela oferecida aos homens, era resultado de um círculo vicioso que durou séculos até que surgissem as primeiras tentativas de rompê-lo: a) a educação de qualidade era negada à mulher e, por consequência disso, seus interesses e atividades não se desenvolviam de maneira ampla e se restringiam àquilo que elas tinham acesso (a vida privada e tudo o que envolve o matrimônio); b) conseqüentemente, fruto de uma análise superficial e apressada do comportamento das mulheres, constatava-se que seus interesses eram restritos e/ou pouco desenvolvidos; c) em seguida, concluía-se que elas provavelmente são pouco racionais e, portanto, não

<sup>3</sup> Apesar dos séculos de esquecimento na história da filosofia, hoje existem muitas pesquisas para resgatar tanto os nomes dessas filósofas, quanto as suas contribuições. Mary Wollstonecraft e Olympe de Gouges, por exemplo, são dos nomes mais conhecidos, mas ainda há inúmeros outros que continuam negligenciados. Uma obra muito completa para consulta a esse respeito é *Women, Gender and Enlightenment* editado por Sarah Knott e Barbara Taylor.

precisavam e nem teriam condições de ter acesso à mesma educação que os homens; d) sem esse acesso, as mulheres continuavam tendo seus interesses e atividades restritos ao mundo privado, retornando-se, assim, ao primeiro aspecto do círculo.

Ao se deparar com argumentações que seguiam inferências como essas, Mary Wollstonecraft conseguiu detectar a incongruência das tentativas de se julgar as capacidades intelectuais das mulheres a partir da sua presente situação na qual a formação intelectual não era acessível e que todo o desenvolvimento incentivado se dava no âmbito da aparência física e na habilidade de agradar e servir o sexo masculino:

A conduta e as maneiras das mulheres são, de fato, a prova evidente de que a mente delas não se encontra em um estado sadio; pois tal como as flores plantadas em um solo rico demais, a força e a utilidade são sacrificadas à beleza, e suas folhas garbosas, após agradarem um olhar exigente, murcham e caem do galho, muito antes de atingirem a maturidade. Atribuo a causa desse florescimento estéril a um sistema de educação falso, extraído de livros sobre o assunto escritos por homens que, ao considerar as mulheres mais como fêmeas do que como criaturas humanas, estão mais ansiosos em torná-las damas sedutoras do que esposas afetuosas e mães racionais. O entendimento do sexo feminino tem sido tão distorcido por essa homenagem ilusória que as mulheres civilizadas de nosso século, com raras exceções, anseiam apenas inspirar amor, quando deveriam nutrir uma ambição mais nobre e exigir respeito por suas capacidades e virtudes. (WOLLSTONECRAFT, 2016, p.25)

Assim, Wollstonecraft identificou que a condição das mulheres na sociedade estava atrelada apenas aos ideais de aparência e às questões domésticas. Esse fator impedia as mulheres de alcançarem seu potencial intelectual, uma vez que não tinham acesso a uma educação mais completa, que, tal como a dos homens, privilegiasse o intelecto e não apenas os aspectos frívolos das aparências e dos comportamentos socialmente esperados delas.

O papel e os deveres cobrados das mulheres também foram fatores que Wollstonecraft notou como determinantes para a lógica de exclusão das mulheres da educação permitida e incentivada aos homens, algo que fica explícito em algumas passagens do Livro V da obra Emílio de Jean-Jacques Rousseau. Todas as questões relacionadas à vida privada eram praticamente ignoradas na discussão filosófica e política antes de Rousseau, ele foi um dos precursores da introdução dos temas como a família, as práticas sexuais e a vida doméstica. Entretanto, a forma como o filósofo abordou todos esses temas serviu como justificativa para a manutenção da situação das

mulheres de seu tempo, uma vez que a sua discussão era baseada em uma visão que pode ser compreendida como funcionalista acerca da mulher.

De acordo com Okin (2013, pp. 99-102), Rousseau define a natureza da mulher - diferentemente da do homem - como o seu propósito de vida ligado ao âmbito sexual e de procriação. Enquanto o homem é caracterizado por suas capacidades criativas, racionais e pelo seu potencial ilimitado, a mulher é entendida como funcionalmente determinada pelo seu papel reprodutivo, assim como o seu potencial e habilidades também limitados por esse papel. Portanto, isso justificaria, no argumento de Rousseau, que a educação recebida pelos homens seria incompatível e desnecessária para as funções e potenciais alcançáveis pelas mulheres:

Por conseguinte, importa que elas cultivem uma faculdade que sirva de árbitro entre os dois guias, que não permita que a consciência se desorienta, e que endireite os erros do preconceito. Essa faculdade é a razão. Mas, ao som desta palavra, quantas interrogações surgem! As mulheres serão capazes de um raciocínio sólido? Importa que o cultivem? Cultivá-lo-ão com êxito? Essa cultura será útil para as funções que lhes são impostas? Será compatível com a simplicidade que lhes convém?

...A razão que leva o homem ao conhecimento dos seus deveres não é muito complicada; a razão que leva a mulher ao conhecimento dos seus ainda é mais simples. A obediência e a fidelidade que ela deve ao marido, a ternura e os cuidados que deve aos filhos, são conseqüências tão naturais e tão sensíveis da sua condição, que ela não pode, sem má-fé, recusar o seu consentimento ao sentimento interior que a dirige, nem ignorar o dever numa tendência que ainda não está alterada (ROUSSEAU, 1990, p. 214).

O argumento de Rousseau é construído sobre uma lógica funcionalista e naturalista, na qual a natureza pelas funções e características distintas entre os gêneros. Pode-se entender que a sua intenção era de desenvolver uma ideia de “igualdade na diferença”, isto é, de uma complementariedade entre os gêneros. Na sua linha de pensamento, se uma família estiver corretamente estabelecida, a mulher consentirá sem ressalvas em seguir o papel “natural” exigido pela função em relação ao homem. Esse argumento, no entanto, serviu tanto para justificar, quanto para prolongar a situação das mulheres na qual os limites do mundo que elas tinham acesso se restringia a apenas aquilo que envolvia o casamento, a construção e manutenção do lar. Consequentemente, a educação da mulher, assim como as suas máximas ambições, por tanto tempo ficou restrita apenas à esfera do matrimônio:

A educação das mulheres, ultimamente, tem sido objeto de mais atenção do que no passado; contudo, elas ainda são consideradas um sexo frívolo, ridicularizadas ou vistas

como dignas de pena pelos escritores que se esforçam, por meio da sátira ou da instrução, para melhorá-las. Reconhece-se que elas passaram grande parte dos primeiros anos de vida adquirindo habilidades superficiais; enquanto isso, a força do corpo e da mente é sacrificada em nome de noções libertinas de beleza e do desejo de se estabelecer mediante o matrimônio – o único modo de as mulheres ascenderem no mundo. (WOLLSTONECRAFT, 2016, p.29)

A possibilidade de mudança deste cenário, portanto, estaria relacionada à educação das mulheres com as mesmas bases que a educação recebida pelos homens. De acordo com Wollstonecraft, esta seria a única maneira de se formar mulheres que seriam capazes de, por meio da racionalidade, compreender e cumprir os seus deveres de acordo com as virtudes dela esperadas. Entretanto, ela ainda tinha uma visão um tanto funcionalista acerca da mulher, isto é, a convicção de que alguns papéis, tais como a educação dos filhos e a manutenção do lar, eram, de fato, de responsabilidade feminina — apesar de não concordar com as bases de argumentação de Rousseau. Para ela, o reconhecimento da racionalidade das mulheres, assim como o seu acesso à educação, tinha um objetivo maior: a promoção da liberdade humana com base na razão. Esse objetivo, por sua vez, só poderia ser alcançado se tanto as mulheres, quanto os homens, tivessem iguais condições de desempenhar os seus papéis que, apesar de distintos, deveriam partir de valores iguais.

Apesar de até hoje o pensamento de Wollstonecraft não ser tão amplamente estudado como o de seus contemporâneos e de ela ser frequentemente associada apenas ao pensamento feminista, a contribuição que seu pensamento trouxe às ciências humanas é prova de sua competência enquanto filósofa e pensadora. Além de ter sido uma das precursoras modernas dos ideais feministas, por meio da sua construção e argumentação acerca da defesa dos valores iluministas, Wollstonecraft foi capaz de identificar que a negação da racionalidade da mulher era uma contradição explícita das bases de argumentos com pretensões universalistas de seus contemporâneos, como Rousseau, que foram capazes de sacrificar a lógica de seus argumentos em favor de uma visão tendenciosa acerca das características, deveres e direitos das mulheres. Wollstonecraft teve lucidez filosófica forte o suficiente para conseguir, usando as mesmas premissas iluministas de seus contemporâneos, demonstrar que a exclusão das mulheres não foi simplesmente consequência dos costumes e valores de uma época, mas uma tentativa explícita de encaixar forçosamente essa exclusão em seus argumentos:

É, então, um afeto por todo gênero humano que faz minha pena escrever naturalmente para apoiar o que acredito ser a causa da virtude; e a mesma razão me leva a desejar de modo sincero ver a mulher em uma posição a partir da qual avance, em vez de ser freada, para o progresso desses gloriosos princípios que dão substância à moralidade. De fato, minha opinião sobre os direitos e deveres da mulher brota com tanta naturalidade de tais princípios fundamentais, que me parece impossível que algumas das mentes abertas, responsáveis por dar forma a sua admirável constituição, não concordem comigo (WOLLSTONECRAFT, 2016, p. 18).

Sobre o aspecto da educação das mulheres, apesar de mais de um século mais tarde e após algumas evoluções e conquistas, Virginia Woolf mostrou como o panorama se manteve muito semelhante àquele que Wollstonecraft criticou. O contexto em que a escritora inglesa viveu foi marcado pela recém conquistada do sufrágio feminino no Reino Unido (1918), assim como a recém permissão de acesso ao ensino superior e o direito de se sustentar por meio do trabalho remunerado. Todas essas conquistas deveriam ter sido acompanhadas de grandes revoluções sociais por conta da crescente inclusão das mulheres em esferas que anteriormente eram exclusivas ao sexo masculino.

Entretanto, o que Woolf observou é que possibilidades práticas e legais não se traduzem, necessariamente, em mudanças de concepção de mundo e de valores. Ao mesmo tempo em que as mulheres passaram a ter a possibilidade de receber educação, isso não significou que elas teriam acesso às mesmas escolas, faculdades e universidades que seus colegas homens; ao mesmo tempo em que elas tinham o direito de trabalhar para se sustentar, não significava que elas teriam oportunidades de empregos, ou os pré-requisitos e competências exigidos para preencher as vagas existentes.

Um dos conceitos mais importantes que Woolf desenvolveu na sua obra *Three Guineas* é o de “*the daughter of educated man*”, ou “a filha do homem instruído”, por assim dizer. Por meio deste conceito, Woolf apontou diversas incoerências acerca da sociedade em que vivia. Em relação ao acesso das mulheres à educação, por exemplo, uma dessas incoerências era a que dentre todas as classes sociais, as mulheres que teriam mais acesso à instrução seriam, intuitivamente, aquelas nascidas em famílias ricas, em detrimento das mulheres pobres - que estavam ainda mais afastadas das condições de receber educação, não apenas por conta de seu sexo, mas também pela impossibilidade social e econômica. Apesar de suas possibilidades parecerem maiores,

na prática, “a filha do homem instruído” também não recebia a mesma educação ofertada aos homens de sua própria classe, seus irmãos, primos, tios, etc. Pelo contrário, enquanto as famílias ricas sempre investiam quantias exorbitantes na educação dos homens, a das mulheres era sempre considerada de menor importância. Assim, para explicitar a disparidade entre o investimento e, por consequência, o acesso à educação dos homens e mulheres da mesma classe, Woolf usa como exemplo Mary Kingsley, etnógrafa, escritora científica e exploradora inglesa, e o seu irmão:

Vamos então pedir a alguém - Mary Kingsley - que fale por nós. "Eu não sei se alguma vez eu revelei a você o fato de que eu ter tido a permissão para aprender alemão foi toda a educação paga que eu já tive. Duas mil libras foram gastas na do meu irmão, ainda espero que não em vão." Mary Kingsley não está falando apenas por si; ela fala, ainda, por muitas das filhas de homens instruídos (WOOLF, 2005, p. 786).<sup>4</sup>

Assim, o recém adquirido direito de acesso das mulheres à educação, trabalho e propriedade, não foi acompanhado da apropriação e ocupação efetiva desses campos pelas mulheres. Isto porque as condições de acesso não foram fornecidas e muito menos incentivadas, mesmo dentro das próprias famílias ricas. Portanto, a situação gerada foi oposta à esperada, isto é, acabou por perpetuar aquele argumento falacioso, explorado por Wollstonecraft, de que os interesses femininos eram restritos às “futilidades” dos assuntos voltados à vida privada, o encadeamento e manutenção do matrimônio. Em outras palavras, apesar de não ser mais a racionalidade da mulher a ser posta em dúvida, o limite dos seus interesses as suas capacidades intelectuais ainda eram julgados a partir da situação na qual a formação intelectual não era, de modo algum, encorajada e que todo o desenvolvimento incentivado ainda se dava no âmbito da aparência física e na habilidade de agradar o sexo masculino.

### **Virtudes e qualidades díspares**

A questão acerca da educação das mulheres, como visto na seção anterior, fomenta amplas observações acerca de sua condição no decorrer do tempo. Tanto

<sup>4</sup> Tradução da autora para os fins deste artigo. No original: “Let us then ask someone else – it is Mary Kingsley – to speak for us. “I don’t know if I ever revealed to you the fact that being allowed to learn German was all the paid-for education I ever had. Two thousand pounds was spent on my brother’s, I still hope not in vain.” Mary Kingsley is not speaking for herself alone; she is speaking, still, for many of the daughters of educated men.” (WOOLF, 2005, p. 786) (tradução da autora do presente artigo).

Wollstonecraft, quanto Woolf, realizaram análises cujo fio condutor era a educação das mulheres, mas que alcançaram conclusões muito além da questão da noção de senso comum acerca da importância da universalização da educação. Ambas mostraram que outras opressões e discursos de dominação encontravam-se absolutamente interligados à questão da educação.

De acordo com Woolf, o valor da educação sempre foi socialmente indubitável. Para a autora, isso se prova por dois motivos: todos aqueles que se prestaram ao papel de governar sempre tiveram como pré-requisito o mais alto nível de instrução, além disso, toda a quantidade de dinheiro investida ao longo da história em educação não haveria de ser sem motivo:

... O valor da educação está entre os maiores de todos os valores humanos. A biografia prova isso de duas maneiras. Primeiro, há o fato de que a grande maioria dos homens que governaram a Inglaterra nos últimos 500 anos, e que agora governam a Inglaterra no Parlamento e no Serviço Civil, receberam educação universitária. Em segundo lugar, há o fato que é ainda mais impressionante se você considerar o que o trabalho duro e a privação implicam – e disso também há ampla prova em biografia - o fato da imensa quantidade de dinheiro que foi gasta com a educação no país. Nos últimos 500 anos. ... - uma quantidade tão grande de dinheiro é alcançada que não há dúvida sobre o enorme valor que os seres humanos atribuem à educação. E o estudo da biografia - a vida dos pobres, dos obscuros, dos ignorantes, prova que eles farão qualquer esforço, qualquer sacrifício para conseguir uma educação em uma das grandes universidades (WOOLF, 2005, p.800).<sup>5</sup>

Nesse sentido, não há controvérsias acerca dos motivos pelos quais a educação sempre foi valorizada: é por meio dela que são passados adiante os valores compartilhados e virtudes esperadas dos indivíduos em qualquer sociedade. Em vista disso, de alguma forma, as mulheres ao longo da história não deixaram de receber algum tipo de educação. A questão principal é que tanto o modo, quanto o que lhes era ensinado, sempre foi distinto e assimétrico com o tipo de educação recebida pelos homens. Essa distinção, por sua vez, reflete uma disparidade maior: os valores e virtudes ensinados aos homens e às mulheres é que por tanto tempo foram discrepantes.

<sup>5</sup> Tradução da autora para os fins deste artigo. No original: "...the value of education is among the greatest of all human values. Biography proves this in two ways. First, there is the fact that the great majority of the men who have ruled England for the past 500 years, who are now ruling England in Parliament and the Civil Service, have received a university education. Second, there is the fact which is even more impressive if you consider what toil, what privation implies – and of this, too, there is ample proof in biography – the fact of the immense sum of money that has been spent upon education in the past 500 years. ... - so huge a sum of money is reached that there can be no doubt of the enormous value that human beings place upon education. And the study of biography – the lives of the poor, of the obscure, of the uneducated, proves that they will make any effort, any sacrifice to procure an education at one of the great universities." (WOOLF, 2005, p.800)

Tendo percebido essa discrepância em termos de valores e virtudes, um dos principais argumentos de Wollstonecraft para a defesa do direito à educação das mulheres era que por meio da educação as mulheres poderiam desempenhar e compreender o seu papel de forma mais consciente e, por consequência, de forma mais virtuosa. Nesse sentido, ela diz “como se pode esperar de uma mulher que ela colabore, se nem ao menos sabe por que deve ser virtuosa? A não ser que a liberdade fortaleça sua razão, até que ela compreenda seu dever e veja de que maneira este está associado ao seu bem real” (WOOLSTONECRAFT, 2016, p. 19).

A partir da premissa de que as mulheres dividem com os homens o dom da razão, mas, por outro lado, lhes é negada a possibilidade de desenvolver e aperfeiçoar a sua racionalidade, Wollstonecraft percebeu a incoerência. Para ela, deveria haver alguma explicação para os valores morais serem distintos para mulheres e homens e, portanto, para eles não serem universais. Caso contrário, isso seria um sinal de tirania:

Quem fez o homem o juiz exclusivo se a mulher compartilha com ele o dom da razão?

Esse é o tipo de argumentação dos tiranos de qualquer espécie, do fraco rei ao fraco pai de família; estão todos ávidos por esmagar a razão, no entanto sempre afirmam usurpar seu trono somente para ser úteis. Não agem vocês de maneira similar quando forçam todas as mulheres, ao negar-lhes os direitos civis e políticos, a permanecer confinadas na família, tateando no escuro? Porque certamente o senhor não afirmará que um dever não fundado na razão seja uma obrigação. Se esse é, de fato, o destino das mulheres, os argumentos podem ser tirados da razão e, assim, magnificamente sustentados; quanto mais conhecimento as mulheres adquirirem, mais elas se prenderão a seu dever — compreendendo-o —, pois, a menos que o entendam, a menos que sua moral seja fixada no mesmo princípio imutável que a dos homens, nenhuma autoridade conseguirá forçá-las a cumpri-lo de maneira virtuosa. Elas podem ser escravas convenientes, mas a escravidão terá seu efeito constante, degradando o senhor e o abjeto dependente (WOLLSTONECRAFT, 2016, p.20)

O caráter convenientemente oscilante dos valores morais atribuídos aos diferentes sexos seria, de acordo com Wollstonecraft, visível também em relação àquilo que é considerado como atributo positivo para ambos os sexos. Ela percebeu que todas as características socialmente desejáveis às mulheres, se aplicadas aos homens, eram consideradas fraquezas; todas as características almejadas pelos homens, ao contrário, eram consideradas masculinizantes –pejorativamente – quando descreviam mulheres.

Tenho ouvido exclamações de todas as partes contra as mulheres masculinas, mas em que se baseiam? Se com essa denominação os homens pretendem censurar o entusiasmo delas por caçar, atirar e jogar, unir-me-ei cordialmente ao clamor; mas, se forem contra a imitação das virtudes masculinas ou, dito de modo mais adequado, contra a obtenção desses

talentos e virtudes, cujo exercício enobrece o caráter humano e eleva as fêmeas na escala dos seres animais, ao serem incluídas nos termos mais abrangentes da humanidade, devo pensar que todos aqueles que as observam com um olhar filosófico têm de desejar, a meu lado, que elas se tornem a cada dia mais e mais masculinas (WOLLSTONECRAFT, 2016, p. 26).

Wollstonecraft trouxe à tona o fato de que um dos argumentos em relação à busca de virtudes distintas para homens e mulheres estava relacionado à impossibilidade de as mulheres servirem como militares em guerras -- algo que garantia aos homens admiração, gratidão e honra. Entretanto, ela argumenta que as guerras, ao contrário do que se imaginava, ensinavam aos homens muito pouco a respeito das virtudes e da honra, uma vez que, em geral, eram causadas por mera ambição e caprichos, e não pelos motivos justos de defesa e proteção. Assim, a autora comparou a índole do soldado àquela da mulher de sua época. Em ambos os casos, maior respeito era alcançado por meio da mera obediência e do êxito em agradar seus superiores. Entretanto, enquanto as mulheres eram frequentemente criticadas e acusadas de futilidade por se preocuparem com a aparência e em maneiras de se tornarem agradáveis aos homens – já que apenas por meio do casamento elas tinham a chance de alcançar algum futuro e desfrutar de alguma influência —, os soldados e militares praticavam ações bastante semelhantes para escalar na carreira e eram louvados por isso.

Wollstonecraft não ignorou que às mulheres, com todos os seus direitos individuais negados, sobrava apenas o direito ao contrato de casamento. Nesse sentido, bem como reforçava Rousseau (1990, p.181-189), elas acabavam desenvolvendo a sedução como uma arma para exercer algum tipo de poder sobre os homens. Entretanto, Wollstonecraft conseguiu explicar claramente os motivos para a perpetuação desses comportamentos viciosos:

... porque tal exercício de astúcia é apenas um instinto natural que lhes permite obter de forma indireta um pouco daquele poder do qual são injustamente excluídas; pois, se não for permitido às mulheres desfrutar de direitos legítimos, elas tornarão viciosas não só os homens, mas elas mesmas, a fim de obter privilégios ilícitos (WOLLSTONECRAFT, 2016, p. 21).

Em comparação com o pensamento de Wollstonecraft, Virginia Woolf foi ainda mais longe na análise acerca da dicotomia das virtudes esperadas dos homens e das mulheres. Para começar, ela também enxergou a forma como, por muito tempo, por

conta de sua realidade completamente limitada, a mulher teve de usar suas poucas ferramentas disponíveis para exercer alguma influência:

Foi com vista ao casamento que sua mente foi ensinada. Foi com vista ao casamento que ela dedilhou no piano, mas não lhe foi permitida a entrada em uma orquestra; que esboçou cenas domésticas inocentes, mas não lhe foi permitido estudar o nu; leu este livro, mas não lhe foi permitido ler aquele falado que a atraía. Foi com vista ao casamento que seu corpo foi educado; uma empregada foi providenciada para ela; as ruas estavam para ela fechadas; os campos estavam para ela fechados; essa solidude lhe foi negada - tudo isso lhe foi forçado para que ela pudesse preservar seu corpo intacto para o marido. Em suma, a ideia do casamento influenciava o que ela dizia, o que ela pensava, o que ela fazia. Como poderia ser de outra forma? O casamento lhe era a única profissão acessível (WOOLF, 2005, p.810).<sup>6</sup>

Assim como Wollstonecraft, Woolf em *Three Guineas* também argumentou que virtudes e valores desenvolvidos por meio de conquistas militares, apesar de serem reconhecidos como próximos do ideal de masculinidade, após uma reflexão mais atenta, apontam para um tipo de propagação de vaidades que são sempre injustamente associados a uma ideia errônea de feminilidade.

Woolf discorreu acerca dos luxos que cercavam a vida pública dos homens instruídos em diversos níveis -- um mundo completamente desconhecido para as mulheres. A autora descreveu o luxo das universidades, dos prédios, das salas, das grandes portas e de todos os confortos oferecidos aos homens; em seguida, descreveu as roupas e ornamentos que os caracterizavam em suas atividades públicas: as medalhas de ouro, os enfeites nos ombros, as plumas, as fitas coloridas, as perucas brancas, etc. (WOOLF, 2005, p. 796). Todos esses elementos possuíam forte valor simbólico, além da função de caracterizar e autenticar posições de poder. Woolf também descreveu as cerimônias públicas nas quais os homens se vestiam com todos esses adornos; a forma como eles se ajoelhavam e se curvavam para objetos de prata, madeira, ou tapeçaria; e a

<sup>6</sup> Tradução da autora para os fins deste artigo. No original: “It was with a view to marriage that her mind was taught. It was with a view to marriage that she tinkled on the piano, but was not allowed to join an orchestra; sketched innocent domestic scenes, but was not allowed to study from the nude; read this book, but was not allowed to read that, charmed, and talked. It was with a view to marriage that her body was educated; a maid was provided for her; that the streets were shut to her; that the fields were shut to her; that solitude was denied her—all this was enforced upon her in order that she might preserve her body intact for her husband. In short, the thought of marriage influenced what she said, what she thought, what she did. How could it be otherwise? Marriage was the only profession open to her.” (WOOLF, 2005, p.810).

forma como todas essas cerimônias eram realizadas com todos os homens em conjunto, sincronizados e uniformizados de acordo com a ocasião (*Ibid.* p. 797).

A ironia que Woolf enxergou nisso tudo é o fato de que foram as mulheres a ser acusadas durante a história de vaidade excessiva e de valorizar futilidades. Entretanto, em comparação com todos esses costumes masculinos que as mulheres nunca tiveram acesso, as vaidades femininas se mostravam muito menos extravagantes e, pelo contrário, ainda mais justificáveis pela sua situação desfavorecida:

O vestido, do modo como o usamos, é comparativamente simples. Além da função primordial de cobrir o corpo, ele tem dois outros ofícios – ele cria beleza para os olhos e atrai a admiração do seu sexo. Uma vez que o casamento, até o ano de 1919 - menos de vinte anos atrás -, era a única profissão aberta para nós, a enorme importância do vestuário para uma mulher pode ser dificilmente exagerada. Ele foi para ela o que os clientes são para você - o vestido era seu chefe, talvez o único método que ela teria de se tornar o Lorde Chanceler. Mas seu vestido, em sua imensa elaboração, tem obviamente outra função. Ele não apenas cobre a nudez, aumenta a vaidade e cria prazer para os olhos, mas serve para anunciar a posição social, profissional ou intelectual de quem o veste (Idem).<sup>7</sup>

A crítica e ironia de Woolf continuou ao mostrar, por exemplo, como as melhores roupas masculinas eram vestidas enquanto os homens exerciam suas funções militares ou públicas e, conseqüentemente, como elas ajudavam a persuadir os homens mais jovens, por pura vaidade, a ambicionarem se tornar soldados ou militares. Desta forma, era a vaidade que propagava valores distorcidos, a exaltação da competição, da hierarquia e a inveja entre os homens. Assim, Woolf constatou que os valores masculinos, que por tanto tempo permaneceram inacessíveis às mulheres, longe de serem de fato valores morais, estavam mais próximos de um mecanismo de perpetuação de comportamentos tirânicos.

<sup>7</sup> Tradução da autora para os fins deste artigo. No original: “For dress, as we use it, is comparatively simple. Besides the prime function of covering the body, it has two other offices — that it creates beauty for the eye, and that it attracts the admiration of your sex. Since marriage until the year 1919—less than twenty years ago — was the only profession open to us, the enormous importance of dress to a woman can hardly be exaggerated. It was to her what clients are to you — dress was her chief, perhaps her only, method of becoming Lord Chancellor. But your dress in its immense elaboration has obviously another function. It not only covers nakedness, gratifies vanity, and creates pleasure for the eye, but it serves to advertise the social, professional, or intellectual standing of the wearer.”

## As causas das guerras

De acordo com Virginia Woolf em *Three Guineas*, alguns outros aspectos são fundamentais na perpetuação de comportamentos tirânicos além dos valores e qualidades oscilantes que foram comentados na seção anterior. O texto de Woolf é articulado com vistas a responder uma carta que continha a seguinte pergunta: “como podemos evitar guerras?”, ou então “como as mulheres — com as suas conquistas recentes de direitos e independência — poderiam disseminar a liberdade e a paz, a fim de se evitar guerras?”. Como já mencionado na primeira seção, Woolf tinha a clara noção de que, apesar dos recém-adquiridos direitos de voto, de independência financeira e de educação, isso não significou uma mudança imediata e significativa na realidade das mulheres.

A partir do conceito de “*the daughter of educated man*”, Woolf mostrou que, mesmo com o direito à educação adquirido, a educação das mulheres continuou sendo preterida em relação a dos homens. Mas além da educação, outras questões continuaram seguindo a mesma lógica. Um exemplo disso seria o direito à propriedade, que apesar de ter sido adquirido, não significou que na prática as mulheres realmente teriam as condições de aquisição de bens ou terras:

As duas classes ainda diferem enormemente. E para provar isso, não precisamos recorrer às perigosas e incertas teorias de psicólogos e biólogos; podemos apelar aos fatos. Pegue o caso da educação. Sua classe foi educada em escolas públicas e universidades por quinhentos ou seiscentos anos, a nossa por sessenta. Pegue o caso da propriedade. Sua classe possui por direito individual, e não por meio do casamento, de praticamente todo o capital, toda a terra, todos os objetos de valor e todo o patronato na Inglaterra. Nossa classe não possui por direito individual, que não seja pelo matrimônio, praticamente nenhum capital, nenhuma das terras, nenhum dos objetos de valor e nenhum dos patronos na Inglaterra. Que tais diferenças resultem em diferenças muito consideráveis na mente e no corpo, nenhum psicólogo ou biólogo negaria. Pareceria então seguir como um fato indiscutível que “nós” – considerando o “nós” como um todo composto de corpo, cérebro e espírito, influenciado pela memória e pela tradição - ainda deve diferir em alguns aspectos essenciais dos “vossos”, cujo o corpo, o cérebro e o espírito foram treinados de maneira tão diferente e são influenciados de maneira tão diferente pela memória e pela tradição. Apesar de vermos o mesmo mundo, o vemos através de olhos diferentes (WOOLF, 2005, p.795).<sup>8</sup>

<sup>8</sup> Tradução da autora para os fins deste artigo. No original: “The two classes still differ enormously. And to prove this, we need not have recourse to the dangerous and uncertain theories of psychologists and biologists; we can appeal to facts. Take the fact of education. Your class has been educated at public schools and universities for five or six hundred years, ours for sixty. Take the fact of property. Your class possesses in its own right and not through marriage practically all the capital, all the land, all the

O ponto principal levantado por Woolf é o de que, em um mundo no qual as mulheres viviam uma realidade completamente distinta daquela dos homens, mas, ao mesmo tempo, estavam vivenciando algumas mudanças importantes em relação aos seus direitos, qual seria o seu papel com vistas à melhoria da sociedade e na diminuição da violência e das guerras, levando-se em consideração que elas estavam em posse dessas novas ferramentas? Em outras palavras, como se poderia responder à pergunta de como as mulheres poderiam contribuir para que guerras fossem evitadas?

Levando essas perguntas em consideração, Woolf percebeu que para melhor respondê-las, seria necessário compreender quais seriam, afinal, as causas das guerras e desenvolveu toda a sua argumentação mostrando como os sentimentos que a fomentam são baseados na forma como os homens são educados - isto é, naqueles valores que são passados e enaltecidos nos homens e pelos homens. Este foi o ponto em que a última seção foi encerrada: a maneira como, por tanto tempo, apenas os homens foram ensinados a valorizar posições de prestígio, obedecer a ordens como forma de obter reconhecimento, exibir méritos por meio de vestimentas, ornamentos ou títulos e, principalmente, gerar violência e participar de guerras com o intuito de defender esses valores. Woolf apontou que era justamente este tipo de educação que os homens recebiam nas escolas, nas universidades e com os exemplos que tinham. Em compensação, as mulheres não eram educadas a partir dos mesmos valores, pelo contrário, para elas esse tipo de ambições e princípios sempre foram mantidos distantes.

Mas esses fatos, como os fatos costumam ser, apresentam duas faces; pois embora eles estabeleçam o valor da educação, eles também provam que a educação não é de forma alguma um valor positivo; não é boa em todas as circunstâncias e boa para todas as pessoas; só é boa para algumas pessoas e para alguns propósitos. É boa se produz uma crença na Igreja da Inglaterra; ruim se produz uma crença na Igreja de Roma; é boa para um sexo e

---

valuable, and all the patronage in England. Our class possesses in its own right and not through marriage practically none of the capital, none of the land, none of the valuables, and none of the patronage in England. That such differences make for very considerable differences in mind and body, no psychologist or biologist would deny. It would seem to follow then as an indisputable fact that “we”—meaning by “we” a whole made up of body, brain and spirit, influenced by memory and tradition—must still differ in some essential respects from “you,” whose body, brain and spirit have been so differently trained and are so differently influenced by memory and tradition. Though we see the same world, we see it through different eyes.” (WOOLF, 2005, p.795).

para algumas profissões, mas ruim para outro sexo e para outras profissões (WOOLF, 2005, p.801).<sup>9</sup>

Woolf percebeu que o fato de as mulheres terem sido excluídas tanto da educação formal, quanto de todas as esferas públicas - como resultado de valores opostos serem esperados de cada sexo- fazia com que fosse impossível para elas se reconhecerem como parte dessa sociedade cujos valores fomentam a guerra. Mais que isso, a exclusão tornou difícil para as mulheres reconhecerem algo que os homens sempre prezaram demasiadamente, isto é, o sentimento patriota de nação. Esse sentimento, por sua vez, ao longo da história, além de ser usado como justificativa para as guerras, também sempre foi utilizado como ferramenta de convencer as mulheres de que as guerras eram necessárias para a sua proteção:

Portanto, se você insistir em lutar para me proteger, ou o "nosso" país, que seja entendido, moderada e racionalmente entre nós, que você está lutando para satisfazer um instinto do seu sexo que não posso compartilhar; para obter benefícios que eu não compartilhei e provavelmente não compartilharei; mas não para gratificar meus instintos, ou para proteger a mim ou meu país. Pois, o forasteiro dirá, "na verdade, como mulher, não tenho país. Como mulher não quero país. Como mulher, meu país é o mundo inteiro" (WOOLF, 2005, p. 861).<sup>10</sup>

A questão sobre a educação contra a guerra, portanto, para Woolf, estava muito além de uma mera educação dos jovens para "odiar a guerra", uma vez que, enquanto milhões eram gastos em questões bélicas, a sociedade sempre relutava em investir qualquer quantia ínfima em escolas e faculdades para mulheres. Sob essa perspectiva, Woolf tinha clareza sobre um aspecto: se o objetivo era o de evitar guerras e disseminar a paz e a liberdade, então seria muito mais proveitoso que as mulheres de fato continuassem sem ter acesso a este tipo de educação que tinham os homens. Isto, por

<sup>9</sup> Tradução da autora para os fins deste artigo. No original: "But these facts, as facts so often do, prove double-faced; for though they establish the value of education, they also prove that education is by no means a positive value; it is not good in all circumstances, and good for all people; it is only good for some people and for some purposes. It is good if it produces a belief in the Church of England; bad if it produces a belief in the Church of Rome; it is good for one sex and for some professions, but bad for another sex and for another profession." (WOOLF, 2005, p.801).

<sup>10</sup> Tradução da autora para os fins deste artigo. No original: "Therefore if you insist upon fighting to protect me, or 'our' country, let it be understood, soberly and rationally between us, that you are fighting to gratify a sex instinct which I cannot share; to procure benefits which I have not shared and probably will not share; but not to gratify my instincts, or to protect either myself or my country. For," the outsider will say, "in fact, as a woman, I have no country. As a woman I want no country. As a woman my country is the whole world." (WOOLF, 2005, p. 861).

certo, não significava que a autora não defendia a educação para as mulheres, mas ao contrário, acreditava que as mulheres tinham a chance de, por meio de uma educação distinta daquela recebida pelos homens, propagar valores mais construtivos e progressistas. Ou seja, todos os séculos de exclusão injusta das mulheres de tantos aspectos da vida pública, mas principalmente do acesso à educação, ao menos serviram para deixar as mulheres, de fato, afastadas dos vícios propagados pelos homens.

Isso não é suficiente? Precisamos coletar mais fatos da história e da biografia para provar nossa afirmação de que todas as tentativas de influenciar os jovens contra a guerra através da educação que recebem nas universidades devem ser abandonadas? Pois eles não provam que a educação, a educação básica do mundo, não ensina as pessoas a odiarem a força, mas a usá-la? Eles não provam que a educação, longe de ensinar a generosidade educada e a magnanimidade, os torna, pelo contrário, tão ansiosos para guardar suas posses, aquela “grandeza e poder” de que o poeta fala, em suas próprias mãos; que não usarão força, mas métodos muito mais sutis do que forçar quando eles são solicitados a compartilhá-los? E a força e a possessividade não estão intimamente ligadas à guerra? De que serve então uma educação universitária para influenciar as pessoas a evitar a guerra? (WOOLF, 2005, p.804).<sup>11</sup>

Assim, talvez, uma maneira de as mulheres participarem do evitamento de guerras seria a de terem a oportunidade e as condições financeiras e estruturais providenciadas pela sociedade e pelo Estado, para desenvolver um sistema de educação que, ao contrário do dos homens, prezasse menos por títulos, hierarquias, competições e patriotismos exacerbados, e almejasse a construção e compartilhamento de conhecimento e criatividade. Como diz Hermione Lee, na introdução da edição de *Three Guineas*,

Eles devem usar sua renda e independência recém adquiridas para garantir que 'as filhas do homem educado' não sejam educadas como seus pai e irmãos (já que os produtos dessa educação são incapazes de impedir a guerra) e não devem se juntar ao homem na procissão de instituições, decorações, honras públicas, rotinas de escritório, declarações patrióticas, redes de rapazes velhos, uniformes e guerra. Em vez disso, os atributos de sigilo e silêncio para os quais a "educação não remunerada" das mulheres na "pobreza, castidade e escárnio" deram origem deveriam ser transferidos do mundo privado para o mundo público. As

<sup>11</sup> Tradução da autora para os fins deste artigo. No original: “Is that not enough? Need we collect more facts from history and biography to prove our statement that all attempt to influence the young against war through the education they receive at the universities must be abandoned? For do they not prove that education, the finest education in the world, does not teach people to hate force, but to use it? Do they not prove that education, far from teaching the educated generosity and magnanimity, makes them on the contrary so anxious to keep their possessions, that “grandeur and power” of which the poet speaks, in their own hands, that they will use not force but much subtler methods than force when they are asked to share them? And are not force and possessiveness very closely connected with war? Of what use then is a university education in influencing people to prevent war?” (WOOLF, 2005, p.804).

mulheres devem formar uma "sociedade de forasteiras", alheias, críticas, irônicas e indiferentes aos imperativos do nacionalismo belicoso (LEE, 1986, p. Viii).<sup>12</sup>

Apesar do tom crítico e quase sarcástico que Virginia Woolf utiliza para criticar a situação das mulheres em seu tempo, sua sugestão tem ligação com aquilo que Wollstonecraft considerava como o fundamental para todos os indivíduos: a liberdade e a consciência moral por meio do desenvolvimento da racionalidade pela educação. No estado que Woolf descreve, fica evidente que esse ideal de Wollstonecraft estava longe de ser alcançado, não apenas pela situação das mulheres, mas dos homens também. Portanto, uma chance de mudanças estruturais estava baseada na possibilidade de mudanças vindas dos direitos alcançados pelas mulheres.

### **Considerações finais**

Apesar de separadas por séculos, tanto Wollstonecraft quanto Woolf viveram momentos históricos de grandes conturbações e mudanças no mundo. A primeira vivenciou todas as transformações e desassossegos gerados pela Revolução Francesa; a segunda, as inseguranças e perturbações do curto período de tempo entre o início e fim da Primeira Guerra Mundial, o período entre guerras, e a Segunda Guerra Mundial.

As obras de Wollstonecraft, assim como seus argumentos, foram por muito tempo deixadas de lado na filosofia pelo fato de ser uma mulher a escrevê-los. O texto *Three Guineas* de Virginia Woolf sofreu, em sua época, diversas críticas por abordar assuntos considerados desimportantes quando comparados ao contexto de tensão entre guerras e ascensão do fascismo: como poderia a autora tratar como prioridade a questão da educação e das condições das mulheres de seu tempo como uma forma plausível de se evitar a guerra?

O que é fundamental, todavia, é que mesmo em seus respectivos contextos e recebendo as críticas que receberam, Wollstonecraft e Woolf, cada uma à sua maneira, e

<sup>12</sup> Tradução da autora para os fins deste artigo. No original: "They must use their recently acquired incomes and Independence to ensure that 'the daughters of educated man' should not be educated as their father and brothers have been (since the products of that education are incapable of preventing war) and should not join in the male procession of institutions, decorations, public honours, office routines, patriotic utterances, old boy networks, uniforms and war-making. Instead, the attributes of secrecy and silence to which women's 'unpaid education' in 'poverty, chastity and derision' have given rise should be transferred from private live to the public world. Women should form a 'society of outsiders', alien, critical, ironic, and indifferent to imperatives of bellicose nationalism." (LEE, 1986, p. Viii).

com as ferramentas disponíveis, chegaram à conclusão de que as opressões sofridas pelas mulheres em seus momentos históricos não apenas eram causadas por comportamentos tirânicos, mas também o perpetuavam. A situação das mulheres não tinha apenas uma causa que precisava ser repensada, mas também consequências muito sérias. Além disso, ambas conseguiram identificar que a maneira mais eficiente de se romper este ciclo de opressões seria por meio da educação.

O direito, incentivo e garantia à educação das mulheres, portanto, beneficiaria não apenas elas próprias, mas asseguraria que a sociedade poderia superar as dicotomias de valores. Isso possibilitaria que os valores morais da sociedade se estabelecessem, de uma vez por todas, em bases universais - o que, por sua vez, implicaria na diminuição das opressões e tiranias que resultam nos conflitos e guerras.

### Referências bibliográficas

- ANDREW, Barbara. *The Psychology of Tyranny: Wollstonecraft and Woolf on the Gendered Dimension of War*. Hypatia , Vol. 9, No. 2, Feminism and Peace (Spring, 1994), pp. 85-101 Disponível em: <  
<http://www.jstor.org/stable/3810171>>
- FALCO, Maria J. (ed.) *Feminist interpretations of Mary Wollstonecraft*. Pennsylvania State University Press, 1996.
- KNOTT, Sarah; TAYLOR, Barbara (ed.) *Women, Gender and Enlightenment*. New York: Palgrave Macmillan, 2005.
- LANGE, Linda. (ed.) *Feminist Interpretations of Jean-Jacques Rousseau*. Pennsylvania State University Press, 2002.
- LETTOW, Susanne. *Feminism and the Enlightenment from: The Routledge Companion to Feminist Philosophy*. London: Routledge, 2017 (disponível em: <https://www.routledgehandbooks.com/doi/10.4324/9781315758152-8>)
- OKIN, Susan M. *WOMEN IN WESTERN POLITICAL THOUGHT: with a new introduction by Debra Satz*. Princeton, New Jersey: Princeton University Press, 2013. Paginação irregular
- ROUSSEAU, Jean-Jacques. *Emile: or on Education*. Trad. Allan Bloom. Basic Books, 1979.

REUTER, Martina. “*Like a Fanciful Kind of Half Being*”: *Mary Wollstonecraft’s Criticism of Jean-Jacques Rousseau*. *Hypatia* vol. 29, no. 4 (Fall 2014) pp.925-941 <https://doi.org/10.1111/hypa.12105>

\_\_\_\_\_. *EMÍLIO Volume II*. Trad. Pilar Delvaux. Portugal: Publicações Europa-América L.Da, 524 IB 1990.

WOLLSTONECRAFT, Mary. *Oxford World’s Classics - A Vindication of the Rights of Men; A Vindication of the Rights of Woman; An Historical and Moral View of the French Revolution*. New York: Oxford University Press, 1993.

\_\_\_\_\_. *Reivindicação dos Direitos da Mulher*. Trad. Ivana Pocinho Motta. São Paulo: Boitempo, 2016.

WOOLF, Virginia. *Selected Works of Virginia Woolf*. Hertfordshire: Wordsworth Editions, 2005.

\_\_\_\_\_. *Three Guineas*. London: The Hogarth Press, 1986.